



o poeta e a cidade

Andri Carvão



gueto editorial

O poeta e a cidade

Andri Carvão



selo gueto editorial

poesia anárquica, micronarrativas, fragmentos e afins
colcha de retalhos manuscritos descarregada na rede

© **Andri Carvão, 2017**

Coleção #breves | Livro 9

Selo Gueto Editorial ® 2017

Edição e projeto gráfico

Jerome Knoxville

Edição e revisão

Amanda Sorrentino

Contatos

<https://revistagueto.com>

<https://twitter.com/revistagueto>

<https://www.facebook.com/revistagueto>

| editorgueto@gmail.com |

Licença

Creative Commons

Este material não pode ser usado para fins comerciais.

livro nove

⊙

1.
O poeta já foi *clown*, já foi sombra, já foi mímico, já foi malabarista,
já foi estátua viva.

2.

Então resolveu assumir a sua identidade secreta:
poeta.

3.

Tirou a maquiagem de palhaço, guardou os malabares, todos os
apetrechos e quinquilharias e seguiu
de mãos abanando
de peito aberto
de espírito livre
de alma nua
com o coração na boca e
com o cu na mão.

4. O poeta tentou disfarçar de prosa a sua poesia só para ver se conseguia ser lido.

5.

Como a *Remington* era pesadona demais e estavam faltando algumas teclas, sendo duas vogais [a & e], carregou a *Olivetti* portátil; uma maletinha azul, discreta, um pouco pesada para longas distâncias, mas tudo bem.

6.

O poeta atravessou a cidade, já com olhar de poeta, ou seja, com um olhar de menino. Na condução, fora do horário de pico, sentou à janela. Não desgrudou os olhos daquela tela que emoldurava a vida urbana que passava lá fora.

7.
Desceu no ponto final. Caminhou até o centro da cidade.
Atravessando a ponte do vale, decidiu ficar no meio do caminho.
Plantou suas raízes lá. E lá ficou. *Lá lá lá lá lá.*

8.

Sentou no chão, na calçada. Tirou o chapéu. [Sim, esqueci de mencionar que ele estava de chapéu.] Por força do hábito deixou o chapéu virado no chão como um pote para receber contribuições. Mas ele estava ali para poetar e não para ganhar dinheiro.

9.

As pessoas passavam rápido. Longas passadas. Pés ligeiros. Mais velozes do que o seu pensamento. Tênis de todas as cores, modelos e marcas. Sapatos lustrados e sapatos velhos, masculinos e femininos. Botas e rasteirinhas. Chinelos e pés descalços.

10.

Seu tempo era outro. Seu tempo era todo o tempo do mundo. Seu tempo era sem lugar. Seu tempo transcendia a própria noção de tempo.

11.
Estado.
Euforia.
Êxtase.
Economia.
Ego.
Eco.

12.

Colocou a máquina de sonhar no colo. Baforou zeros do vazio interior. Pôs-se a teclar, a digitar, a bater a máquina. E o mundo parou. Ou melhor, o caos se concentrou orbitando as madeixas do poeta.

13.

A bela executiva [ou seria secretária?] entrou no papel da máquina. O velhinho destoando da marcha entrou no papel da máquina. Os adolescentes [rapazes cabeludos com garotas de cabelos curtos] entraram no papel da máquina. O louco também tinha lá sua razão para entrar no papel da máquina. Os trabalhadores uniformizados entraram todos no papel da máquina. Os meninos de rua e os cães vadios não podiam ficar de fora do papel da máquina. Assim como o guarda de trânsito, o flanelinha, o camelô, o trombadinha, o dono da banca de jornal...

14.

Todos entraram no papel da máquina.

Inclusive o poeta.

O problema é que como tinham alguma pressa, foram fugazes:
chegaram chegando e chisparam.

Já o poeta não: permaneceu aprisionado.

15.

Logo ele que se considerava tão livre, aprisionado em seu próprio universo, refém de sua própria criação. Como no *Prometeu Moderno*.

16.

Indignado.

Revoltado.

Mirou um murro e soltou um soco na máquina traiçoeira que perdeu as asas e criou rodas. Montado nela atravessou a avenida de mão dupla atrapalhando os carros. Freadas bruscas evitaram acidentes. Baixou a cabeça para passar por baixo de um caminhão e chegar ileso do outro lado.

17.

Não contente, a máquina desandou e despinguelou ladeira abaixo, desviando dos pés das pessoas, de cães e gatos e até de ratos. E foi parar na praça. Bateu na mureta e atirou o poeta dentro do chafariz.

18.

Como “*quem está na chuva é para se molhar*”, tirou a camisa e cantarolou:

*“Eu tenho muito frio
Eu tenho frio demais
Vou me jogar no rio
Adeus pra nunca mais”*

19.

Lavou somente as partes que azedam, incluso os vãos dos dedos dos pés. Reparou que precisava cortar as unhas, mas havia esquecido o cortador.

20.

Cantou. Cantarolou. Encantou. Foi até aplaudido de pé pelos *habitués* por seu *grand finale* ao encher a boca de água da fonte que vinha do vaso do anjo, fazer gargarejo e imitar a estátua jorrando um fio d'água pela boca, torcendo as orelhas com as mãos.

21.

Daí se lembrou de sua máquina. Onde estava? Por onde andava? Cadê ela? Assoviou — a máquina e não ele. Montou de volta na sua pranchinha urbana, seu *skate*, ou melhor, *sk8*, e zarpou de volta para o seu posto de observação.

22.

E lá chegando, o ritmo havia mudado. Diminuído. Era outra cidade assim às escuras. Roupas pretas, maquiagens carregadas. Seres noturnos. Alguns silenciosos demais, outros barulhentos demais. Cidade dos extremos. Gritos. Choro baixinho. De repente um tapa, um tabefe, uma bofetada. Um palavrão. Passadas. Uma sirene crescendo. Silêncio de novo na escuridão.

23.

Um vira-lata rasgou um saco de lixo e revirou os restos das sobras atrás de comida. Um homem procurou alguma coisa nas latas de lixo. Era o dono do cachorro. O cão encontrou um frango destroçado, quase inteiro. Fez festa. O homem deu três tapinhas na cabeça do animalzinho e seguiram juntos seu caminho.

24.
O homem parou para esperar o cão.
O cão mijou no poste.

25.

Detrás do poste uma perna. Uma perna esticada, com o pé esticado, tão delicado o pé, os dedinhos dedilhando como a tocar piano no ar. Detrás do poste outra perna. Uma de cada lado do poste fazendo movimentos de aranha no ar. Duas pernas lindas numa dança lenta e sensual.

26.

Como ela faz aquilo? As pernas são sobre-humanas. Elas sobem e descem tendo o poste como suporte. Deliciosamente para baixo e para cima. As pernas se abrem numa abertura zero. Elas se dobram no ar. Ah, as pernas.

27.

Muito sono. Será que tudo não passou de um sonho? Ou foi aquele cigarrinho que ele fumou?

No se.

No creo.

28.

O poeta estava brisado. Sujo, fodido e mal pago. Precisava deitar. Pegou o chapéu para cobrir o rosto. Dentro do chapéu tilintaram moedas: 1 temer, 50 cents de temer, 25 cents de temer, 10 cents de temer e 5 cents de temer, totalizando 1,90 temers. Ou seja, um cafezinho. Colocou sua fortuna no bolso, se aconchegou na mureta, cobriu o rosto com o chapéu e adeus.

29.
Sono sem sonhos.
Pesado pesadelo.

30.

Despertou deitado no colo do homem do cão — o cão enrodilhado a seus pés —, abraçado a uma perna de manequim de vitrine.

O poeta surtou no vale.

“O poeta já foi clown, já foi sombra, já foi mímico, já foi malabarista, já foi estátua viva.”

Ninguém se dignou a ouvi-lo. *“Deve ser mais um louco aí.”*

O cão ladrou.

Andri Carvão cursou Artes Plásticas na Escola de Arte Fego Camargo em Taubaté, na Fundação das Artes de São Caetano do Sul e na EPA — Escola Panamericana de Arte. Graduando em Letras pela Universidade de São Paulo, publica regularmente poemas e ensaios na revista online *Labirinto Literário*. Tem contribuições esporádicas em revistas como *Gueto*, *Libertinagem*, *Aluvião* e *Originais Reprovados*. É colunista do site *Educa2* e participou das antologias: *Gengibre — Diálogos para o Coração das Putas e dos Homens Mortos*, *Embaçadíssima: Antologia Tirada de uma Notícia de Jornal* e *Antologia de Poesia Contemporânea Além da Terra Além do Céu* (Editora Chiado). Seu livro de estreia foi *Polifemo em Lilipute e outros contos* (Editora Appaloosa).



selo gueto editorial

este projeto digital é destinado a correr livre na rede
levando versos, antiversos, protoversos, metaversos e multiversos para o reviramento do mundo